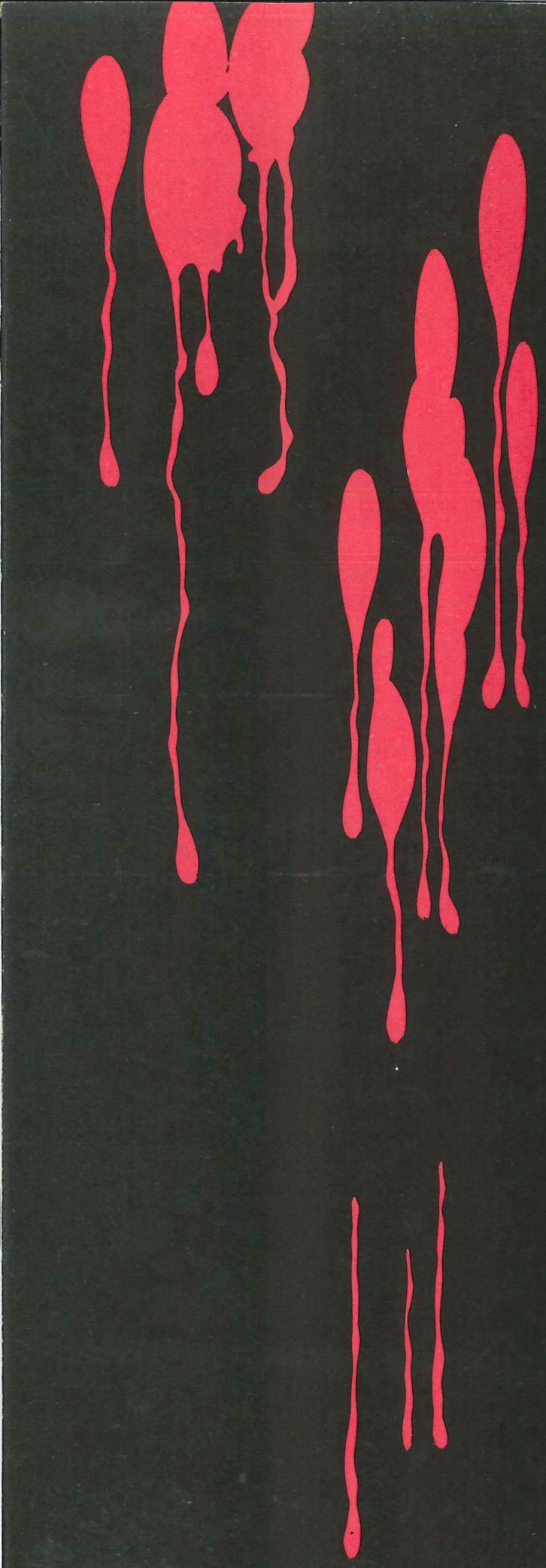


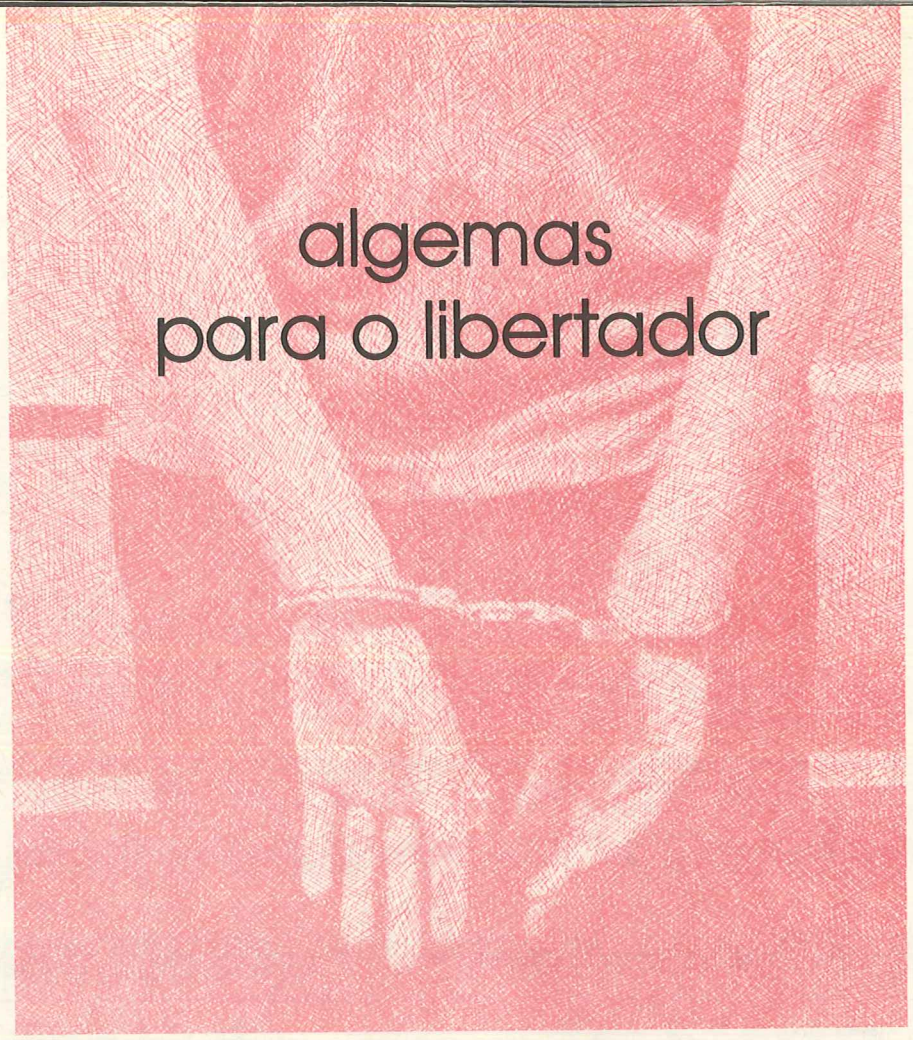
JESUS,
Podias ter
mandado uma carta
ou outro profeta
para nos dizer
que Tu Te importas
e seria pura verdade.
Mas
em vez disso
espremeste a Tua
mensagem
em sangue
nas páginas rudes e
amargas da cruz—
— a mais violenta
declaração
de amor.

O Arauto da Santidade

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO

1 DE ABRIL DE 1979

algemas para o libertador



A era do plástico teve também impacto no fabrico de algemas. Resistentes correias ajustáveis aos pulsos de manifestantes detidos pela polícia vêm substituindo os clássicos engenhos de aço temperado e fecho automático. Os responsáveis pela ordem pública alegam que o plástico, sendo leve, permite ao polícia ter consigo uma apreciável quantidade de algemas necessárias nestes dias de desordens tumultuosas.

Jesus Cristo foi, também, algemado. Um sacerdote enraivecido ordenou que O manietassem. A Semana Santa volta a lembrar a cena arrepiante: Deus de mãos amarradas sendo levado de um ponto para outro, por um povo ironicamente necessitado do Seu toque milagroso. Ao erro de não levantar as mãos para o Céu, o povo ajuntava o pecado de manietar as mãos de Deus!

Faz-nos bem voltar aos detalhes da Semana da Paixão e tentar absorver a soma total da sua mensagem. Poderá ser que sejamos também achados na tarefa desastrosa de tentar algemar as mãos de que mais necessitamos.

Ainda há os que propalam que não precisam de Deus. Crêem que já O substituiram com êxito por doutrinas e políticas capazes de garantir a auto-suficiência humana. Como o sacerdote Anás, voltam a manietar as mãos de Deus, pois não Lhe reconhecem mérito ou poder especiais.

Se, num sentido, a omnipotência de Deus nega a possibilidade de ser algemado, a realidade prática é que Ele não viola a esfera da nossa vontade. Deus nunca Se instala como Conquistador da resistência que alguém, conscientemente, Lhe oferece. Assim, tu e eu podemos fazer como o sacerdote Anás: algemar as mãos de Deus.

Mais que as cadeias que prendiam Jesus, a atitude de Seus inimigos tolhia a possibilidade de serem por Ele ajudados. Eram vítimas de incredulidade.

Esta algema continua a privar-nos do toque de Deus. O apóstolo João repete no seu livro, vez após vez, a necessidade de crermos em Deus. Ao lançar um apelo para que o façamos, vincula uma verdade básica: crer é mais que um dom ou intuição espiritual. Significa a disposição de buscar, analisar e aceitar.

A incredulidade pode consentir a ideia de um Deus histórico: dá-Lhe nome, nacionalidade e crédito por umas coisas bem ditas. Mas não avança até ao ponto de O considerar universal e Todo-Poderoso, portanto, capaz de revolucionar a vida.

Voltamos a manietar as mãos de Cristo quando não O recebemos. O apóstolo João escreveu acerca de Jesus: "A todos quantos O receberam, deu-lhes poder de serem feitos filhos de Deus" (João 1:12).

A história da paixão de Cristo lembra a Sua rejeição pelos homens. A palavra tem toda a força de uma tragédia: negaram-nO.

Um elaborado sistema de superstições tenta hoje definir e explicar êxitos e fracassos. Dizem uns que somos felizes ou infelizes graças à posição e influência de astros na hora exacta do nosso nascimento. Fatalisticamente, muitos aceitam situações incómodas, pois vêem nelas a força do destino. É assim que, sem querer fazê-lo, voltam a amarrar as mãos de Deus.

A Semana Santa evoca também a hora dramática em que, entre dois ladrões, Jesus Se achou pregado à Cruz pelos meus e teus pecados. Fisicamente, Suas mãos continuavam presas. Mas não são os pregos, metais, cordas, plásticos ou outras cadeias materiais, que podem realmente prendê-lO. Somos nós próprios a algemá-lO. Um dos ladrões descobriu o segredo que liberta a mão de Deus e fá-la agir a nosso favor: crer em Jesus, pedir a ajuda de Jesus, confiar n'Ele como Deus e Senhor. □

—Jorge de Barros

A Cruz—Suprema Resposta de Deus

—Eugene L. Stowe
Superintendente Geral

Se a ida anual ao Calvário é mais que viagem sentimental, devemos elevar os olhos e compreender o significado genuíno da cruz.

Paulo recordou aos cristãos de Corinto que este símbolo sagrado era "escândalo para os judeus e loucura para os gregos" (I Coríntios 1:23).

Os primeiros viam-na como um sinal e os últimos buscavam nela sabedoria. James S. Stewart vê aqui os dois pedidos básicos que o homem faz a Deus.

Em todas as idades aqueles que procuram sinais pedem a *intervenção divina*. Querem que Deus faça algo sobrenatural para provar o Seu poder. Os milagres de cura têm atraído sempre as multidões ávidas do espectacular. Para essas a cruz é, muitas vezes, inaplicável e embaraçosa. Em vez de força, ela representa fraqueza. Em vez de vitória, parece insinuar derrota. A crucificação de Jesus diz-Lhes: "O vosso Deus está morto!"

Igualmente insistente é o pedido de sabedoria — *interpretação divina*. Sempre haverá "gregos" que pedem explicação racional para tudo que Deus faz. Qualquer coisa inferior não os satisfaz. Quando o nosso Senhor não fornece uma "Teologia da Cruz" em três volumes, para satisfazer a sua insistência intelectual, eles apontam o Calvário como loucura.

A verdade é que a *intervenção* e *interpretação* de Deus estão perfeitamente ilustrados na morte redentora do Salvador. Crer é ver! "Para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus" (I Coríntios 1:24).

Na cruz, a omnipotência medianeira de Deus foi revelada categoricamente, quando Cristo vibrou golpe fatal ao pecado, ao inferno e à morte. Não existe maior poder que este.

No Calvário, Jesus cumpriu o plano de Deus para a salvação do homem. As Suas últimas palavras de misericórdia, promessa e perdão são prova da sabedoria divina.

Um hinólogo exalta o verdadeiro significado da Cruz nestas palavras poéticas:

Na santa Cruz de Cristo — Encontro
eterna paz,
E o sangue derramado justiça satisfaz.
Sim, tenho já descanso — e paz de
coração.
Pois sobre a Cruz foi feita p'ra mim
expiação.
A Cruz é sempre a glória — e o tema
de louvor
De todos que confiam no santo Sofredor.
Na Cruz eu vejo a prova da compaixão
de Deus
E vejo ali aberto caminho para os Céus. □

O Arauto da santidade

H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

Volume VIII 1 de Abril de 1979 Número 7

O ARAUTO DA SANTIDADE é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações — Português — da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S. $2.00; número avulso, U.S. $.10. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P. O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E. U. A.

O ARAUTO DA SANTIDADE is published semi-monthly by the International Publications Board — Portuguese — of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: $2.00 a year in advance; single copy, 10 cents. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

VITORIOSOS!

—Fletcher Spruce

As tentações de Jesus destinavam-se a prepará-lO para um ministério mais abundante e mais fecundo. Foram tentações reais. "Em tudo foi tentado, mas sem pecado" (Hebreus 4:15). Estas tentações vieram quando estava só no deserto, depois de longo período de jejum e oração.

A primeira tentação (Lucas 4:3) induzia o Senhor a satisfazer os apetites naturais do corpo, de modo errado e egoísta. Ao sentir fome, o diabo sugeriu-Lhe que realizasse um milagre transformando as pedras em pães. Satanás ainda hoje diz: "Se queres, podes fazer isso, pois é um apetite dado por Deus". Assim, somos tentados a satisfazer os desejos da fome, sexo e prazer, dados por Deus, sem olhar às consequências de tal satisfação. É deste modo que racionalizamos e nos desculpamos a nós mesmos. Jesus, porém, resistiu.

A segunda tentação referia-se a coisas materiais. Satã sempre consegue fazer que o dinheiro e as posses materiais pareçam atraentes, legítimos — e até necessários. O homem que põe neles o seu coração reconhece que, quanto mais tem, mais quer. Torna-se um intoxicado em ganhar e amontoar para o futuro. Alguns vendem as suas almas trabalhando tempo a dobrar, a triplicar e, até, aos domingos, esquecendo a casa de Deus, o culto doméstico e o dízimo que pertence ao Senhor. Jesus resistiu! Permaneceu pobre por amor de nós. E se a nossa maior preocupação é a riqueza, como podemos ser semelhantes a Ele?

A terceira tentação de Jesus foi a de Se tornar uma "estrela" — ganhar os aplausos do povo por uma proeza espectacular. Era a tentação de se tornar famoso e popular através dum feito e propósito egoísta. Mas ninguém pode exaltar os próprios talentos e inteligência e, ao mesmo tempo, louvar Jesus Cristo! Os pregadores (ou leigos) que se vangloriam e exaltam a si mesmos (dentro ou fora do templo), não são seguidores de Jesus. Ele recusou ceder à tentação. Saiu vitorioso. Sejamos também nós vitoriosos! □

vida e morte— cruz e exemplo

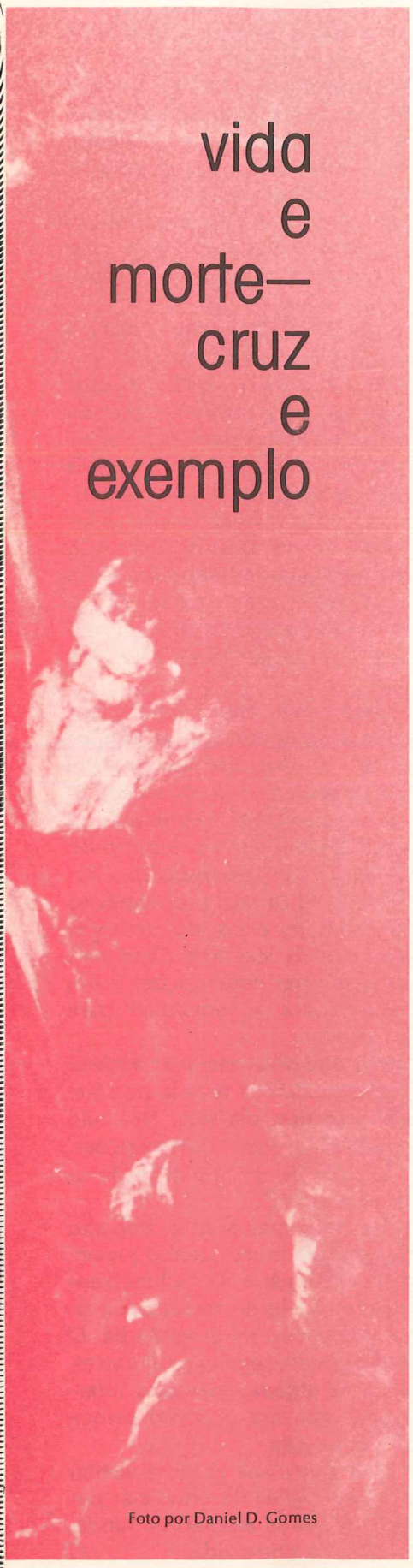


Foto por Daniel D. Gomes

Ninguém deve dizer que a vida cristã é de eterno prazer, isenta de sofrimento e dor. De facto, a vida cristã é de vitória, e vitória pressupõe luta. Só que esta luta não se consegue terminar como a de alguém que, em desespero, tributa num último e supremo esforço, o melhor que há nele. A luta do cristão é ponderada, lenta, segura e confidente. Antes de entrar nela, se o indivíduo escolhe ser fiel a Deus, sabe que sairá vitorioso.

Por isso, Jó não se desesperou quando perdeu tudo. Pôde dizer: "O Senhor o deu, e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor" (1:21). E quase em agonia repetiu com fé incólume: "Eu sei que o meu Redentor vive e que, por fim, se levantará sobre a terra" (Jó 19:25).

Nestes dias de quaresma, também podemos aplicar à vida de Jesus Cristo, o que acabamos de escrever — vida que culminou como todas as outras, mas morte que trouxe vida eterna como nenhuma outra o podia fazer.

Teria Jesus os Seus problemas? Certamente. Não constituiria problema para Ele a tarefa de fazer com que doze pessoas de procedência e objectivos diferentes se dessem bem entre si? Acaso não seriam problema as ciladas contínuas dos inimigos? Negaremos que as tentações no deserto não foram problema para o Mestre? A Palavra de Deus diz que Ele foi igual a todos os homens, menos quanto ao pecado.

Os nossos problemas são nada comparados com os de Jesus. Depois de mencionar que a vitória da obra de Cristo fora ganha no Getsemane, prelúdio da cruz, a Dra. Costa diz: "A verdade é que nesse lugar (Getsemane), se realizou a batalha mais cruenta. Era o momento crucial em que se tinha de decidir o fim no programa divino da redenção".

O sofrimento no jardim foi problema para Jesus Cristo. De outro modo, como podia ter dito: "Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres"? (Mateus 26:39). O julgamento e as injúrias encheram de tristeza o coração do Mestre; o abandono dos amigos, a negação de Pedro, a necessidade de ter de deixar a mãe, era tudo acima das forças de qualquer homem.

Apesar disso, a luta de Jesus foi o prenúncio da maior vitória. A Sua confiança no Pai era total; a vitória, certa. Foi com essa certeza divina que disse ao ladrão arrependido: "Hoje estarás comigo no paraíso". Não havia hipótese de outro desenlace. O molde estava preparado e o ferro ajustaria perfeitamente. Cristo procedia com segurança.

Deixará por isso a Sua morte de ser tão grandiosa? Não. Assim, a vida de Cristo torna-se para nós um exemplo da determinação que deve acompanhar a nossa tarefa. Somos menos cristãos, quando vacilamos diante da prova e de falsas acusações. Cumprimos o nosso objectivo, quando em corpo e alma seguimos as pegadas do Mestre, mesmo até à cruz e à morte.

É o sofrimento na cruz, recordado nestes dias, que tornará a nossa vida frutuosa e encherá de emoção a nossa alma. Pela cruz chegamos à renovação, a uma nova vida, resultado da vitória final de Cristo sobre a morte e o túmulo. □

—H. T. Reza

O Céu estava separado da terra;
a cruz veio reuni-los; e é dos pés da cruz,
que parte tudo o que sobe até ao Céu.

—Tomás de Kempis

interrupções da cruz

—Vernon L. Wilcox

Simão de Cirene (Marcos 15: 21) concretizara o sonho de todo o verdadeiro judeu na diáspora: viajar uma vez na vida até Jerusalém. Viera da longínqua África do Norte para a Festa. Na noite anterior tinha comido o cordeiro pascal com a família que o hospedara. Mas agora, de modo inexplicável, fora apanhado pela multidão a caminho do lugar horrendo da Caveira para uma execução.

Em lugar de ficar no anonimato, Simão foi empurrado e obrigado a carregar a cruz, quando Jesus caiu sob o seu peso. Simão fora recrutado para esse serviço. "Devia ter certas qualidades que favoreceram a escolha: grande, forte e estrangeiro!"

Talvez o seu primeiro impulso fosse fugir, mas não havia lugar para onde. Então ele concordou, pensando retirar-se dessa humilhação o mais depressa possível e esperar que todos esquecessem tal dia.

Mas, algures, no decorrer da Via Dolorosa, começou a sentir compaixão interior por aquele Homem que aparentava ser simples. Simão ficou impressionado, quando Jesus orou pelos seus algozes e prometeu ao ladrão vida eterna; quando mostrou amor por Sua mãe e amigos; quando clamou em agonia ao Pai e sofreu sede terrível; quando arcou com o sofrimento de redimir o mundo e, finalmente, se entregou ao Pai em completa obediência. Pelo caminho a figura de Jesus na cruz do centro tornou-se realidade para Simão que decidiu consagrar-se a Cristo.

A interrupção da Cruz significou muito para Simão.

Este é provavelmente o mesmo Simão mencionado mais tarde em Actos, um dos fundadores da igreja de Antioquia (Actos 11:20; 13:1). Marcos ao escrever o seu evangelho (provavelmente para a igreja de Roma) faz referência especial a Rufo e Alexandre, filhos de Simão, onde eram bem conhecidos. Essa interrupção foi o maior acontecimento na vida de Simão. Ficou transformado e tornou-se um missionário na sua própria terra.

Paulo, ao dirigir-se à mesma igreja de Roma (Romanos 16:13), menciona Rufo e sua mãe, que também para ele era como mãe. Era esposa devota e defensora da verdade, embora Simão já devesse ter morrido nessa altura. O filho devia ser um membro activo da comunidade cristã em Roma.

É provável que Alexandre (apontado em Actos 19:33) fosse filho de Simão, uma vez que o autor, por qualquer razão, o identifica como tal. Assim, é possível que toda a família tenha sido salva, devido a uma interrupção da Cruz.

Simão foi um dos homens que em Antioquia ajudaram, sob a direcção do Espírito, a comissão de Paulo e Barnabé. Que importância estratégica para a evangelização dos gentios e como são maravilhosos os caminhos de Deus para a concretização da vontade divina!

As nossas interrupções da cruz

Nós não gostamos de ser empurrados para fora do nosso comodismo por uma chamada para transportar a cruz. Até com o jejum ficamos indispostos e é uma forma mínima de auto-negação. Existe outra maior: substituir a nossa vontade pela de Deus.

Isto significa ir contra o mundo. Recusar viver segundo os seus modelos falsos de popularidade, êxito, dinheiro e bens. Levar a cruz significa, especialmente, ir contra a corrente duma moralidade fácil e duma ética barata que é característica da sociedade actual.

Muitas vezes, a interrupção é uma chamada para lugar mais elevado no serviço cristão, o qual exige suportar uma cruz. Recordo-me de uma interrupção ocorrida quando eu servia numa igreja grande. Era sobre a extensão do meu ministério ali. Fui levado a aceitar uma congregação mais pequena em tamanho e em menor salário. Entretanto, abriu-se então para mim um período de grande produtividade no meu ministério.

Lembro-me dum jovem ser abordado por outro, num domingo de manhã, quando passava pela igreja. Em resposta ao convite inesperado, ele entrou e ficou surpreendido com o espírito de amizade da congregação. Em breve levou os seus problemas ao altar e, hoje, é um dos pastores principais da sua área. Deus tem um plano nas interrupções e usa alguém para as ocasionar para Sua glória.

Não podemos escolher a nossa cruz. Decidamos levá-la por Ele, qualquer que ela seja. Nós não escolhemos as interrupções. Aceitemo-las e "sigamos Jesus pelo caminho".

Jamais esquecerei o impacto causado em mim, quando jovem, pelo missionário H. Schmelzenbach, ao vê-lo derramar a sua alma pelo povo da Suazilândia. O Senhor interrompera a sua carreira na faculdade, mas essa interrupção marcara o ponto principal da sua vida.

Que Deus nos ajude a aceitar as interrupções da cruz. Elas podem tornar-se elementos fundamentais na nossa vida. □

graça no deserto

—W. T. Purkiser

O profeta Jeremias usou uma frase feliz relacionada com a longa peregrinação de Israel em direcção à terra prometida. "O povo que escapou da espada", disse ele, "achou graça no deserto" (Jeremias 31:2).

A graça de Deus é maravilhosa em qualquer circunstância. É-o, especialmente, quando a experimentamos no deserto em que, algumas vezes, nos encontramos.

As várias espécies de "desertos" provam a fé do povo de Deus. Quando Pedro falou dos "bons dispenseiros da multiforme graça de Deus" (I Pedro 4:10), usou uma palavra que significa "muitas cores". A graça de Deus combina com todas as cores que reflectimos na nossa vida —azul, cinzento, preto, bem como dourado e prateado.

Encontramos graça no *deserto do isolamento.* Afastados de cenário e rostos familiares, a solidão é como um lugar deserto. Mas a promessa assegura: "Não te deixarei, nem te desampararei" (Hebreus 13:5).

Não há qualquer limite de tempo para a Sua presença. Não é apenas "durante os dias da juventude, enquanto vigorosos e fortes"; mas "eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos" — ou, mais literalmente "até ao fim dos tempos" (Mateus 28:20).

Encontramos graça no *deserto do sofrimento.* O sofrimento é algo privado. Podemos simpatizar e sofrer moralmente com alguém, mas só essa pessoa suporta a dor.

O único remédio ao nosso alcance para o sofrimento é a graça que nos lembra Aquele que não só sofreu por nós, mas também sofre conosco — "compadecer-se (uma palavra que no original significa "sofrer com") das nossas fraquezas" (Hebreus 4:15).

Encontramos graça no *deserto da ansiedade.* A graça afasta certas ansiedades —relacionadas com a nossa comunhão com Deus, com o juízo final e a ira do Cordeiro. A cura para este tipo de ansiedade é rápida e segura: o perdão e a experiência de que "é perfeito o amor para conosco" (I João 4:17-18).

Mas, quando a incerteza do futuro sobrevém, precisamos de nova dimensão da graça. Precisamos ter certeza de que mesmo que "aconteça o pior", a Sua graça nos basta (II Coríntios 12:9).

As experiências do deserto nunca são agradáveis. Mas, ao chegarem, podemos aproximar-nos mais d'Aquele que provou o Seu amor, enviando o Seu único Filho.

A graça não é uma força ou poder impessoais. Ela é pessoal. É Cristo através do Seu Espírito Santo que vem ao nosso encontro e supre a nossa maior necessidade — mesmo "no deserto". □

Foto por H. Armstrong Roberts

A oração de Jesus no horto, descrita em João 17, revela a profunda relação que existe entre o Filho e o Pai celestial. Devemos lê-la com espírito de reverência.

O pedido principal reflecte o peso que Jesus sentia pelos Seus discípulos, que deixaria em breve e que ficariam sem a Sua presença consoladora. Mas a oração intercessora inclui aqueles que estiveram unidos ao Senhor durante o Seu ministério terreno e também a nós: "E não rogo somente por estes, mas, também, por aqueles que, pela sua palavra, hão-de crer em mim" (João 17:20).

Todo o crente tem direito a incluir-se nesta oração; é sua herança. A aplicação é tão vital para os discípulos de hoje, como o foi para Pedro, André, João e todos os outros.

A oração abrange as necessidades dos discípulos que teriam de enfrentar um mundo hostil, alheio à graça de Deus. Cristo não intercedia pelos não convertidos, mas por aqueles que tinham renascido pelo Espírito Santo.

O Senhor orou por um grupo de pessoas que não eram do mundo, como Ele também não era — que tinham sido confiadas pelo Pai ao Seu cuidado especial. Pertenciam ao Pai, criam no Filho e guardavam a Sua Palavra. Por isso, Jesus se preocupava com eles, particularmente por não se encontrar ao seu lado para os ajudar.

Como podiam esses homens ser livres do mal e sobreviver num mundo repleto de ódio? O segredo achava-se no versículo 17: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade".

Cristo disse que estes homens não precisavam ser tirados do mundo para ficarem livres do mal. O poder do Espírito que residiria nos seus corações se encarregaria disso.

Um dos problemas da vida cristã é o relacionado com a preocupação de Cristo pelos Seus discípulos. Temos de viver neste mundo e lutar contra o mal. Não é prático fugir ou procurar escapar à realidade da vida diária, mas não devemos participar do mal.

A igreja tem vivido sempre sob certa tensão. Temos uma missão a cumprir neste mundo: ir a todas as nações levar as boas novas do evangelho.

O êxito no testemunho cristão depende de contactos pessoais e exemplo de vida vitoriosa. Quando contaminado pelo pecado, o testemunho perde vigor e deixa de ser efectivo.

A santidade, como experiência e estado de vida, não é algo do passado ou relíquia de museu, nem exige grades de clausura. É antes demonstração do Espírito de Jesus que não se manteve isolado, mas "andou fazendo bem . . . porque Deus era com ele" (Actos 10:38).

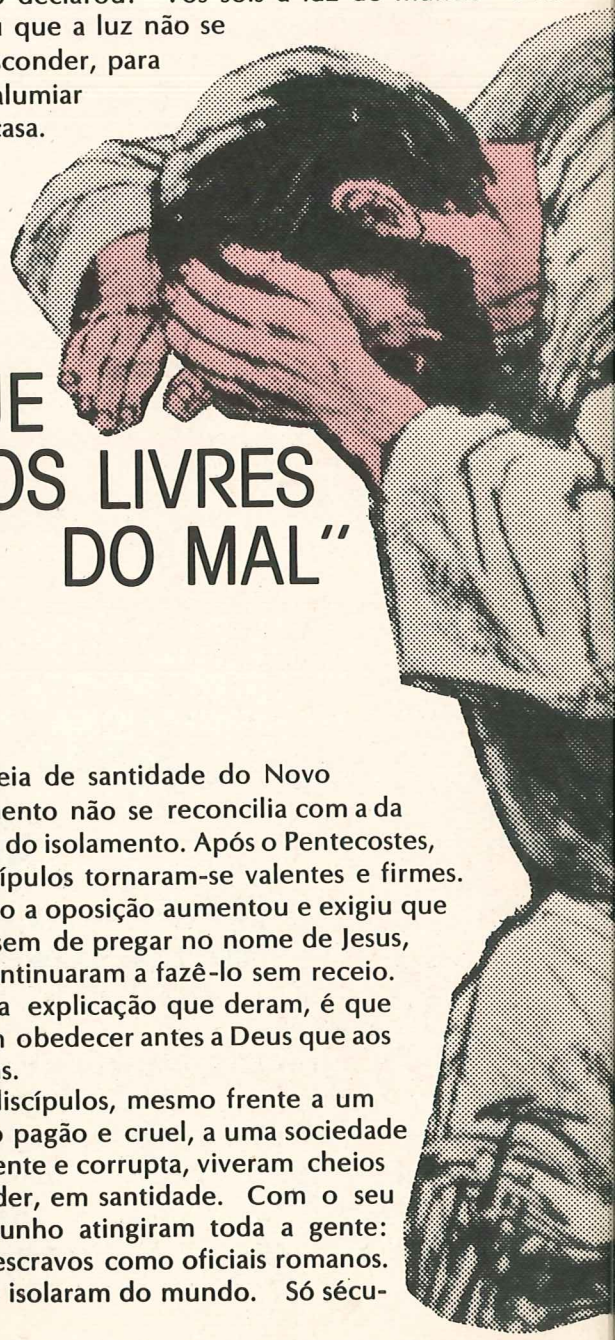
Entrou em lares de pobres e ricos. Visitou mercados, o templo e sinagogas. Foi acusado de comer com publicanos e pecadores. No entanto, o Seu ministério opôs-se sempre à corrupção, e a Sua compaixão não teve limites.

Há anos, fiz uma viagem ao Oriente. Ao visitar com um grupo os arredores de Damasco, o guia mostrou-nos uma gruta na montanha onde viveu um homem "santo". "Era tão santo", disse o guia, "que nunca ia à cidade, nem sequer ao mercado. Os companheiros levavam-lhe comida num cesto e água num odre de pele de cabra, duas vezes ao dia. Nunca olhava para eles nem lhes dizia palavra. Foi um homem santo que viveu e morreu numa caverna da montanha."

Um amigo que me acompanhava, comentou: "Talvez um bom santo, mas bom para quê?"

Cristo afirmou: "Vós sois o sal da terra". Para o sal actuar sobre a corrupção do mundo, tem de ser espalhado. C. H. Morrison disse que a nossa tarefa consiste em tirar o sal do seu recipiente e pô-lo em contacto com as necessidades do mundo.

Cristo declarou: "Vós sois a luz do mundo" e sublinhou que a luz não se deve esconder, para poder alumiar toda a casa.



"QUE OS LIVRES DO MAL"

A ideia de santidade do Novo Testamento não se reconcilia com a da ascese, do isolamento. Após o Pentecostes, os discípulos tornaram-se valentes e firmes. Quando a oposição aumentou e exigiu que deixassem de pregar no nome de Jesus, eles continuaram a fazê-lo sem receio. A única explicação que deram, é que deviam obedecer antes a Deus que aos homens.

Os discípulos, mesmo frente a um mundo pagão e cruel, a uma sociedade decadente e corrupta, viveram cheios de poder, em santidade. Com o seu testemunho atingiram toda a gente: tanto escravos como oficiais romanos. Não se isolaram do mundo. Só sécu-

los mais tarde é que começou a era do ascetismo.

Os cristãos da igreja primitiva, com a sua vida santa e com a pregação da mensagem do evangelho, provaram que Deus ouviu a petição que Cristo fizera ao Pai: "Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal . . . Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo" (João 17:15, 18).

Como os primeiros discípulos, também nós temos de viver neste mundo, mas sem nos contaminarmos com o pecado. A nossa tarefa é persuadir os homens a que não amem o mundo, mas que busquem "as coisas que são de cima, onde Cristo está, assentado à dextra de Deus" (Colossenses 3:1).

Temos uma missão no mundo. Não é a de reformadores, mas de embaixadores de outro mundo; a de proclamar a mensagem de Cristo que transforma e prepara a alma para o reino futuro. Uma vez cumprida esta missão, o Mestre promete que estaremos com Ele para ser testemunhas da Sua glória eterna. □

—E. W. Martin

um jardim na primavera

—Janet Rice

Depois de ter estado encerrada todo o inverno por causa do frio, decidi ir passear para gozar a beleza primaveril. Enquanto caminhava ia procurando dum lado e doutro os sinais de vida que esta estação do ano costuma apresentar. Encontrei — botões a abrir nos ramos das árvores e muitas folhinhas verdes a rebentar por toda a parte. Ao chegar à esquina do quarteirão fiquei surpreendida com o jardim encantador que tinha à minha frente.

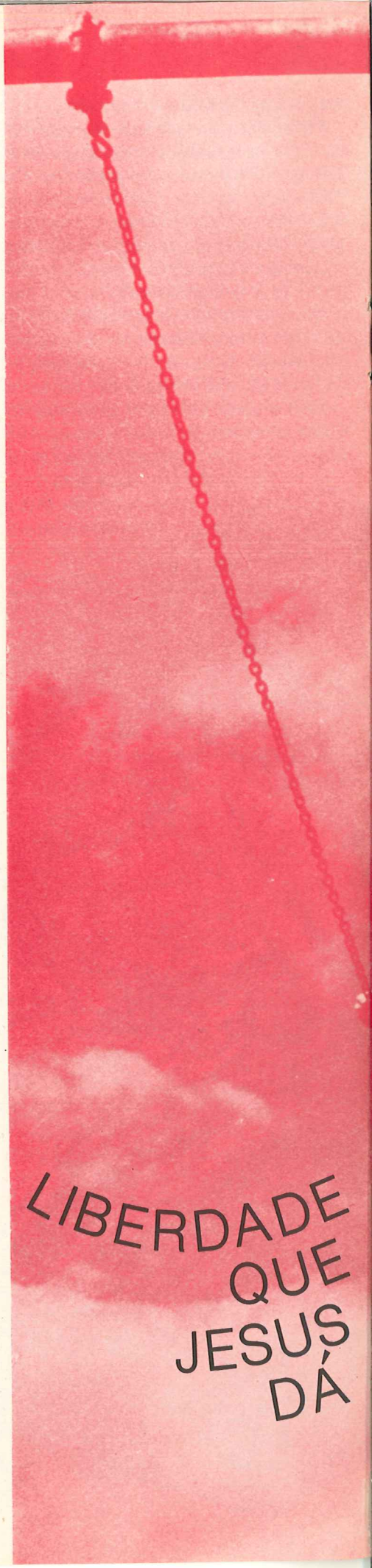
Lírios brancos e tulipas vermelhas fizeram-me lembrar do amor de Deus e da vida cristã. A brancura dos lírios falou-me da pureza do amor de Deus e da paz que encontramos quando chegamos a conhecer Jesus como nosso Salvador e Rei.

O rubro das tulipas levou-me a pensar no sangue de Jesus derramado por nós na cruz. Depois de ter descansado a vista na alvura dos lírios, a cor vermelha das tulipas recordou-me o sofrimento de Jesus. Verteu o sangue para nos purificar dos nossos pecados e duma vez para sempre. A cor verde das folhinhas e dos rebentos fez-me lembrar a frescura e a novidade da vida que recebemos de Deus através da morte e ressurreição do Seu Filho amado.

Enquanto contemplava os pormenores de cada flor, continuava a pensar que, também elas, são verdadeiro modelo da vida cristã. Com os seus talos em direcção ao alto, esforçam-se por chegar ao céu; tal qual os cristãos procuram cumprir a vontade de Deus.

As flores dependem de Deus quanto à chuva, ao sol e a toda a sua alimentação. Também nós dependemos d'Ele para o nosso alimento espiritual.

Por meio do sermão que as flores me pregaram naquela manhã, Deus ensinou-me alguma coisa que nunca mais poderei esquecer. □



Sinto-me grato por possuir a liberdade mais importante, a espiritual. Esta pode existir mesmo na ausência da liberdade física. Através da história tem florescido até no meio do sofrimento, dentro de arame farpado, em câmaras de gás e atrás da cortina de ferro.

É a liberdade que Jesus dá àqueles que O seguem. Uma das passagens mais sugestivas da Bíblia referente a esta liberdade encontra-se em João 8:31-36.

Nela, Jesus declara: "A verdade vos libertará" e "se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres" (vs. 32, 36). A liberdade não provém de duas fontes distintas, mas de uma só: o Filho que nos liberta. Para João, a verdade não é apenas a afirmação duma teoria, mas uma vida de fidelidade. Ele escreveu acerca da encarnação: "E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade" (1:14).

Jesus é a verdade acerca de Deus. Quando Filipe disse: "Senhor, mostra-nos o Pai, o que nos basta", Jesus respondeu: "Quem me vê a mim vê o Pai" (João 14:8-9). A vida de Jesus é a resposta mais completa à pergunta: "Como é Deus?"

Jesus é também a verdade acerca do homem. Não nos revelou apenas como é Deus. Mostrou-nos como nós próprios devemos ser. A vida humana de Jesus foi perfeita e, como homem, teve plena comunhão com Deus. "E aquele que me enviou está comigo: o Pai não me tem deixado só, porque eu faço sempre o que lhe agrada" (8:29). Nenhum de nós o pode dizer sem mentir. Jesus é a resposta total à pergunta: "Como é a verdadeira humanidade"?

Como Deus revelou numa vida humana perfeita, Jesus é o Filho e a Verdade que nos liberta.

A liberdade que Ele dá, tem duplo aspecto. Liberta-nos da escravidão. Alguns judeus que ouviram Jesus, responderam indignados: "Somos descendência de Abraão, e nunca servimos a ninguém" (v. 33). Mesmo sob o ponto de vista da liberdade física, a sua resposta era absolutamente falsa. Nesse tempo estavam sob o jugo de Roma. Mas Jesus não ligou às suas palavras a respeito da liberdade política, para se não desviar do âmago do assunto: "Em verdade, em verdade vos digo que todo aquele que comete pecado é servo do pecado" (v. 34). Pelo poder do Seu perdão, ganho com a morte na cruz, Jesus liberta da escravidão do pecado, do seu poder, culpa, carnalidade e temor da morte.

A liberdade que Jesus dá não é só da escravidão do pecado, mas também liberdade no cativeiro. "Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" (vs. 31-32). Devemos ser cativos da Sua palavra se desejamos ser livres. Embora pareça estranho, só nos libertamos do pecado, quando nos entregarmos a Jesus Cristo.

Nesse aspecto, Jesus é nosso modelo. Pôde dizer de Si mesmo: "Nada faço por mim mesmo . . eu faço sempre o que lhe (ao Pai) agrada" (vs. 28-29). Viveu em completa submissão à vontade do Pai e foi o homem mais livre da terra! Existe verdadeira liberdade quando consagramos toda a nossa vida ao Seu serviço.

A liberdade absoluta é um mito. Todo o homem se submete ao pecado ou ao Salvador. A história da queda confirma esta verdade. Adão era senhor da terra, mas mordomo de Deus. O fruto proibido era uma recordação dos limites da sua liberdade. Contudo, ele pretendeu liberdade absoluta, ser igual a Deus, e recusou sujeitar-se à palavra do Senhor. Por isso, tornou-se escravo do pecado.

A liberdade da escravidão, da tirania e do cativeiro do pecado — é a liberdade que Jesus dá como Filho de Deus que é a Verdade.

Quanto tempo pode durar a liberdade física ou política, quando é rejeitada a espiritual? □

Foto: por David S. Strickler

—W. E. McCumber

"CRUCIFICADO COM CRISTO"

—Acácio Pereira

Era já noite, quando Jesus e os discípulos saíram de Jerusalém. Judas tinha-os abandonado a meio da última ceia. Ao atravessarem o vale de Josafá, contíguo à cidade, em direcção ao Monte das Oliveiras, o frio da noite aconchegava-os na sua caminhada silenciosa. O luar projectava a silhueta de cada um ao longo do caminho.

Muitas vezes ali tinham passado, alegres, para Betfagé e Betânia. Desta vez pairava sobre o grupo a mais profunda tristeza. Jesus, à frente, meditava nos próximos acontecimentos: um dos Seus O havia de trair, outro o negaria três vezes e todos O abandonariam. A crucificação estava a dois passos. Onde a fidelidade dos mais íntimos amigos e seguidores, após tantos milagres, ensinamentos e promessas?

O homem precisa de ser fiel a si mesmo e a Cristo, participando da Sua cruz. Não é fácil, mas não existe maior felicidade. Que o diga Simão de Cirene! Os pregos ou cravos representam os obstáculos que, na vida diária, impedem a comunhão com Deus e "sermos crucificados com Cristo". É pena perdermos bênçãos espirituais por causa dos pregos!

Talvez a cruz de Cristo nos pareça mais pesada que a do mundo. As pétalas e a fragrância da rosa fazem-nos esquecer os seus espinhos. Assim acontece com as cruzes douradas e prateadas com que o mundo nos pretende enganar. Levam-nos a perder de vista o seu significado real.

"A palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas, para nós, que somos salvos, é o poder de Deus" (I Coríntios 1:18). Cristo com a Sua morte, transformou a cruz de ignomínia em glória; de símbolo de desgraça e morte, em vitória e vida. Aproximemo-nos mais da cruz e, pela fé, deixemo-nos crucificar com Cristo.

É glorioso comprovar que Jesus não passou a vida inteira crucificado. A crucificação foi uma experiência de tempo determinado, e não um modo de vida. Jesus, depois de sepultado, ressuscitou. Venceu a própria morte. Também nós, crucificados com Cristo, desfrutaremos de vida nova. A cruz ajuda o homem a ter convicção de seus pecados; mas também a elevar-se até Deus. A haste horizontal da cruz aponta para os homens; porém, a vertical, para o céu. Duas dimensões — a divina e a humana — numa única Pessoa: Jesus Cristo. Na Sua identidade com os homens, Jesus declarou: "Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me" (Mateus 16:24). Ele conhecia perfeitamente a natureza humana com todas as suas fraquezas, tentações e angústias. Apesar disso, convida-nos a segui-lO tal qual somos.

É urgente reconhecer os nossos pecados e quanto precisamos de Jesus. Só depois do nosso eu ser "crucificado com Cristo", é que teremos uma vida de plenitude no Espírito: "E vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim". □

A VONTADE DE DEUS

—Ross W. Hayslip

Os discípulos de Jesus chegaram de Sicar, uma povoação da Samaria, com os mantimentos que tinham comprado. Sabiam que o Mestre estava cansado e com fome, por isso insistiram que comesse. Mas Cristo respondeu de modo invulgar: "Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis" (João 4:32). Eles ficaram admirados, mas Jesus continuou: "A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra" (v. 34).

No templo, quando ainda criança, Jesus mostrou a mesma atitude para com o Pai celestial, ao perguntar a Sua mãe: "Não sabeis que me convém tratar dos negócios do meu Pai?" (Lucas 2:49). Ele estava ciente da Sua relação filial com o Pai; era o único Filho e procurava cumprir a vontade perfeita de Seu Pai.

Mais tarde, perante Pilatos, afirmou: "Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade" (João 18:37). Foi este o maior propósito da Sua vida.

Em Getsemane sujeitou a Sua vontade à do Pai: "Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice" (Mateus 26: 39). Nunca poderemos compreender a profundidade desta oração. Deus colocou Jesus numa relação estreita conosco: um homem igual aos Seus irmãos terrenos. Portanto, está perto de nós. Se não tivesse sofrido no Getsemane não teríamos essa relação. Ouviu-se o grito de vitória, quando disse: "Faça-se a tua vontade" (Mateus 26:42). A comida da obediência era melhor. Ele estava preparado para aceitar e cumprir a vontade de Seu Pai.

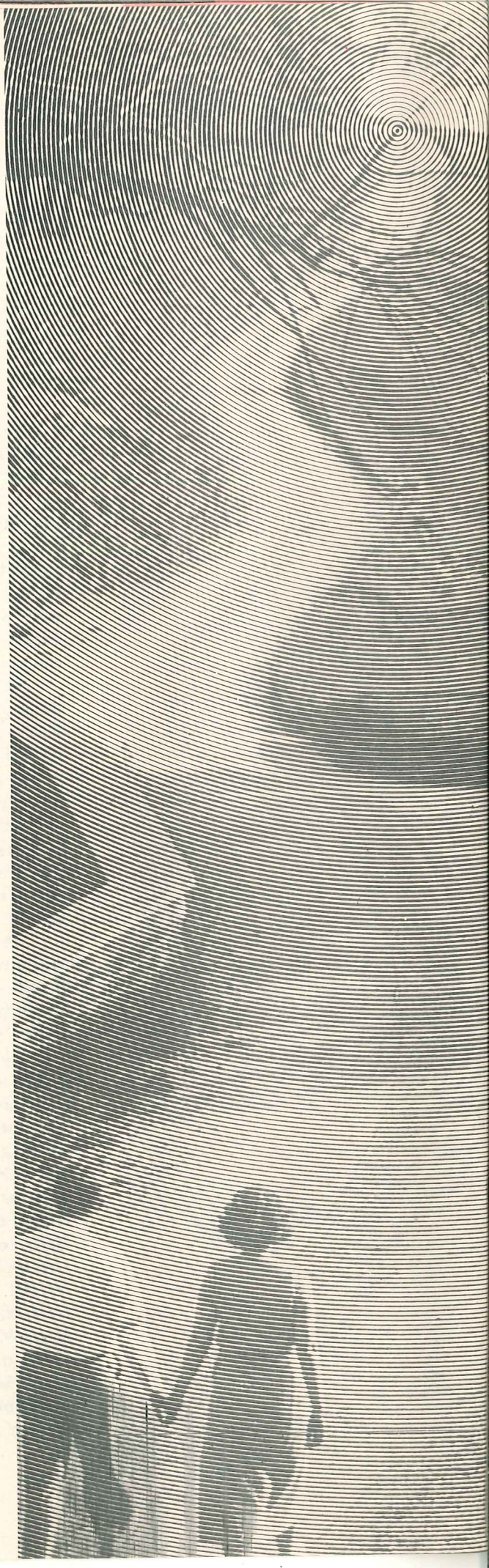
Depois destas palavras de submissão à vontade do Pai, o Evangelho de Lucas diz que Lhe apareceu um anjo do céu para O confortar.

A nossa comida espiritual obtemo-la através da dependência diária à vontade de Deus. Vem expressa na Sua Palavra. Deus deseja que todos os homens se arrependam, que os crentes sejam santificados e que vivam sem ira nem contendas. Há outras formas de cumprir a vontade de Deus: levando vidas santas, servindo a Deus e ao próximo.

Pode-se descobrir a vontade de Deus pelo ministério do Espírito Santo que nos guia para a verdade. Com frequência o nosso problema consiste em descobrir a vontade de Deus; mas, se formos pacientes, ela nos será revelada. A vontade divina baseia-se nos grandes princípios da sua justiça. Em Mateus 5:6, Jesus disse: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos".

A justiça é a vontade de Deus. Ter fome da vontade de Deus, não é igual à que sentiu o filho pródigo longe do seu país. É de ordem espiritual, a qual pode ser satisfeita na mesa abundante do Pai celestial. O homem que busca a vontade de Deus, encontra-a. E, então, sentirá que a sua fome espiritual foi saciada. Deus promete bênçãos àquele que luta para encontrar a vontade divina.

Você deseja, realmente, fazer a vontade de Deus? Desejar a santidade é, em certo sentido, possui-la; e procurando a bondade, chega-se a ser bom. Como o nosso Salvador, seremos obedientes, se fizermos diariamente a preciosa vontade do Pai que está no céu. □



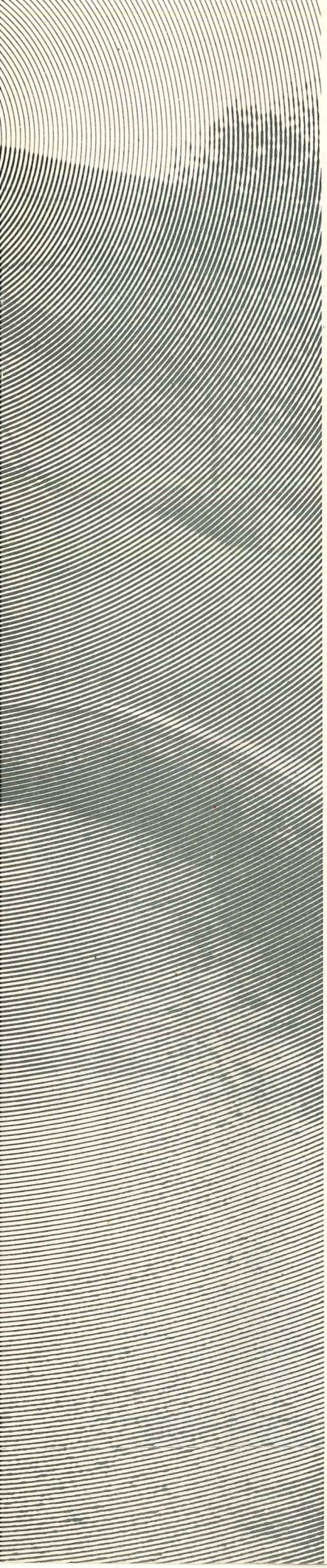


foto por Philip D. Gendreau

problemas de visão

—Zilta R. C. Oliveira*

"Quando Paulo se levantou do chão, descobriu que estava cego" (Actos 9:8).

Estranho! Agora que Paulo se tornara cego, podia ver. Antes, quando ele podia ver, era cego. Cego com os olhos abertos. Cego porque não via a obra gloriosa de Deus. Cego porque pensava que enxergava, mas perseguia os cristãos.

Agora Paulo, cego, se tornara vidente: "Que queres, Senhor, que eu faça?"

Deus teve de o derribar; era preciso fechar-lhe os olhos físicos, para que fosse elevado às alturas de apóstolo e pudesse ver com os olhos da fé.

A cegueira de Paulo, não lhe permitia discernir: cegueira obstinada, recuperável somente pela perda da luz dos olhos. Perdendo a visão primeira, seus olhos foram abertos para a visão segunda. Então ele viu Cristo e participou de Sua glória.

Cegueira dolorosa, porém, é a dos escribas e fariseus, que viam o que não era.

Não ver é cegueira recuperável.

Não ver as coisas como são, e vê-las exactamente como não são, é transtorno irremediável.

O cego de Betsaida, ao ser indagado se podia ver, respondeu: "Sim! Vejo homens. Mas não posso vê-los claramente; eles parecem troncos de árvores andando de um lado para o outro!"

"Então Jesus colocou novamente as mãos em cima dos olhos do homem e quando ele *olhou bem* a sua vista estava completamente recuperada, e ele via todos (tudo) claramente . . ."

O homem precisou do segundo toque para ser curado de sua cegueira porque:

Quando não via nada, era cego; e cego continuava quando via as coisas erradamente.

A primeira cegueira roubava-lhe a visão.

A segunda imprimia-lhe erro na visão.

Tanto é cego o que não vê como o que vê erradamente. (Estas são afirmações de A. Vieira).

O que vê erradamente não sabe distinguir o certo do errado. É como o homem que dizia que as árvores andavam e que os homens eram como árvores.

O homem que pensa que o mal é bom e o bom é mal, fá-lo não porque seja cego, mas porque tem erro de visão.

Só o toque de Jesus faz que os homens não somente vejam, mas que vejam acertadamente. □

*Brasília, Brasil

Retiro de Pastores do Distrito Sudeste, Brasil.

RETIRO DE PASTORES BRASILEIROS

"A união faz a força." E não poderia ser diferente num retiro de pastores. Tanto mais quando se propôs realizá-lo sob o tema: "A fim de que todos sejam um", que é parte da oração sacerdotal de Cristo! E com este objectivo, no Acampamento Nazareno, localizado entre as cidades de Serra Negra a Águas de Lindóia, no estado de S. Paulo, realizou-se o IV Retiro de Pastores da Igreja do Nazareno do Brasil — Distrito Sudeste.

O Rev. Joaquim António Lima, Superintendente do Distrito, fez a abertura oficial com algumas palavras e apresentação dos pastores, missionários, leigos (membros da Junta Consultiva), do conferencista e das esposas dos participantes.

No programa distribuído podia-se ler: "Estudo — palestras — meditação — louvor — lazer". Itens rigorosamente cumpridos naqueles dias de inesquecível comunhão cristã. Mas foi a pregação do Evangelho o momento mais sublime deste encontro de servos de Deus. O conferencista, Rev. Harold L. Hampton, evangelista da Igreja do Nazareno para a América Latina, comunicou a Palavra de Deus com suas verdades profundas, mas de uma forma tão simples que, só o rememorar comove; com a sua larga experiência de pastor, apresentou a teologia pastoral com autoridade — não como um mestre académico de muitas teorias e pouca prática. Fez-nos ouvir a voz de Deus quando transmitia a mensagem do Reino, pois o fazia ungido pelo Espírito Santo . . . e nos elevou ao nivel da oração de nosso Senhor Jesus Cristo: "A fim de que todos sejam um".

Mas um retiro inclui, também, momentos de negócios. É a hora e a vez de entrar em pauta tudo que se refere à igreja mundial, distrital e local. Por exemplo: o Superintendente J. Lima deu um relatório do distrito e suas muitas actividades. Desafiou os pastores ao crescimento da igreja e apresentou um plano visando beneficiar os pastores depois da aposentação. Fizeram-se representar os departamentos: Juventude Nazarena Internacional, Escolas Dominicais, Sociedade Missionária, Seminário e Instituto Bíblico, Serviço de Treinamento Cristão, Casa Nazarena de Publicações e Tesouraria do Distrito.

Já com o pensamento das responsabilidades do fim de semana, os pastores preparavam-se para o retorno aos seus campos de trabalho. Chegara o momento da Santa Ceia, outro instante precioso deste retiro. Agora, unidos mais que nunca no amor de Deus, partíamos prontos para servir as ovelhas do Senhor Jesus Cristo.

—Luciano Duarte Silva, *Cronista*

UM DIA ESPECIAL

Nazarenos de Cabo Verde dedicam a última segunda-feira de cada mês a uma corrente de oração. Pedem a Deus um avivamento espiritual.

Turnos de uma hora oferecem oportunidade a cada igreja e a várias organizações de se associarem a todos os que se empenham em manter esta corrente de oração.

Outros distritos ou igrejas quererão associar-se. Em Cavo Verde observa-se o horário seguinte:

06 horas—Igreja da Achada de Santo António
07 horas—Igreja do Tarrafal
08 horas—Igreja da Assomada
09 horas—Igreja do Maio
10 horas—Igreja dos Picos
11 horas—Igreja dos Mosteiros
12 horas—Igreja de S. Filipe
13 horas—Igreja da Ribeira Grande
14 horas—Igreja do Porto Novo
15 horas—Cruzada da Boa Vontade
16 horas—Liga de Solidariedade Nazarena do Mindelo
17 horas—As Sunamitas
18 horas—Igreja da Fajã
19 horas—Igreja de Sal-Rei
20 horas—Igreja da Ribeira Brava
21 horas—Igreja de Espargos
22 horas—Igreja da Brava
23 horas—Seminário Nazareno de Cabo Verde
0 horas—Gideões da Praia
01 hora —Gideões de S. Vicente
02 horas—Igreja da Praia
03 horas—Igreja do Mindelo
04 horas—Vigilantes da Fé
05 horas—Igreja de Santa Maria.

ESTUDANTES DE PORTUGAL

O Colégio Bíblico Nazareno Europeu em Schaffhausen, Suiça, recebeu oito estudantes portugueses, candidatos ao ministério. São eles: Joaquim e Fernanda Lima, António e Rosa Simões, Eduardo e Ana Meixieira, João Mário Esteves e a jovem Teresa Santos.

Felicitamos o distrito por este acontecimento importante para o futuro da igreja em Portugal.

a oferta de páscoa é evangelismo

—Jerald D. Johnson*

A oferta de Páscoa é evangelismo nazareno à volta do mundo. São jovens separando-se da família e amigos para viverem e trabalharem por Cristo noutra terra. São pastores nacionais dedicando a vida ao serviço de Deus, muitas vezes, com grande sacrifício. São igrejas estabelecidas em 61 países diferentes a levarem o evangelho a lugares onde o nome de Jesus nunca antes fora ouvido.

A oferta de Páscoa são enfermeiras e médicos a dedicarem-se aos doentes; professores a treinarem jovens e, às vezes, adultos; pregadores a evangelizarem, organizarem igrejas e prepararem obreiros. É auxílio a hospitais, clínicas e faculdades nazarenas que os distritos locais não podem ainda sustentar. É manter seminários e colégios bíblicos nazarenos dos quais dependem os futuros líderes das nossas igrejas e distritos.

Sim, verdadeiramente, a oferta de Páscoa é evangelismo.

Os missionários nazarenos foram incentivados a unirem-se com os dirigentes nacionais para darem um grande impulso à acção evangelística. O alvo é específico e elevado: 25 000 novos convertidos nas áreas de Missão Mundial, ganhos para Cristo e unidos à Igreja do Nazareno. O aumento normal nos campos missionários tem sido cerca de 10 000 novos membros cada ano; por isso, o alvo de 25 000 não está fora das possibilidades. Acreditamos na sua concretização.

O dinheiro da oferta de Páscoa é bem empregue. Tem-se despendido muito tempo e reflexão na colocação dos missionários, para que a igreja possa estar ciente do uso eficiente desse dinheiro. Foram propostos alvos de auto-sustento aos distritos de Missão Mundial, para que o dinheiro possa ser investido em novas áreas.

Na estratégia missionária actual, os únicos sectores onde há, relativamente, maior número de pessoal missionário, são o médico e o educacional, os quais ainda precisam de mais gente especializada. Os outros missionários dos 550 que temos, estão estrategicamente colocados no evangelismo e na preparação de obreiros. O alvo é que a igreja esteja apta a funcionar como um saudável distrito nazareno, se e quando o tempo chegar em que os missionários tenham de sair.

Sempre que a responsabilidade e a liderança nacionais atinjam a maturidade, os missionários têm sido transferidos para novos campos. Hoje, cerca de 50 por cento dos nossos missionários se encontram concentrados no que nós chamamos áreas pioneiras, as quais também logo que prontas, serão organizadas em distritos.

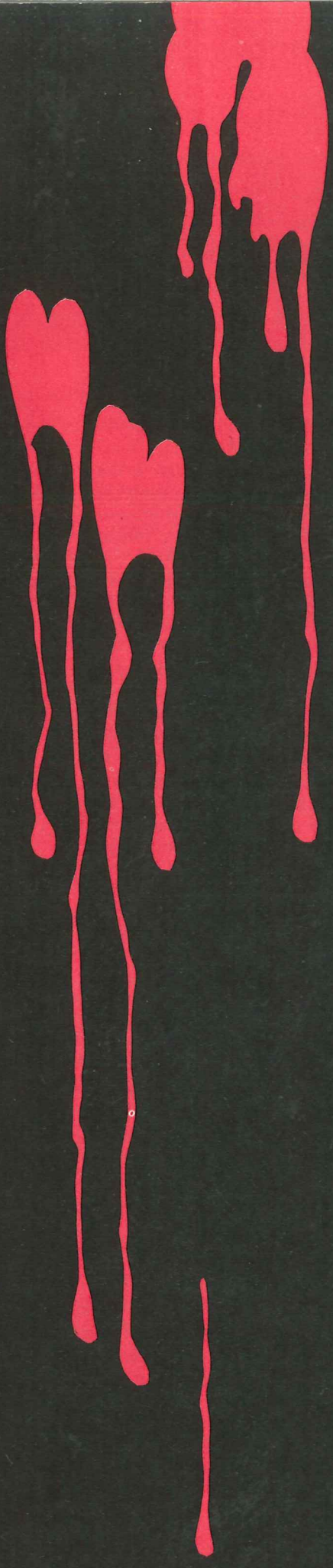
Algumas áreas pioneiras situam-se em novos países. Outras, em zonas ainda não evangelizadas dentro dos países onde trabalhamos como igreja. Esta espécie de esforço tem sido implementado em 90 distritos ou áreas com vários niveis de desenvolvimento. Só neste ano houve um aumento de 5 áreas que representam um bom crescimento.

A oferta de Páscoa assegura o apoio do orçamento para os programas de expansão, bem como o subsídio para os distritos nacionais que ainda não atingiram o auto-sustento.

O programa que estimula uma área pioneira a passsar a Distrito Regular, segue o conceito saudável de divisão e multiplicação, o qual garante o maior dividendo possível para a vossa dádiva missionária. Isto significa que, com o auxílio daqueles que dão, o potencial para alcançar num ano 25 000 novos convertidos nos campos de Missão Mundial, é um alvo realizável. Um alvo que depende, sobretudo, daquilo que os nazarenos derem sacrificialmente na oferta de Páscoa.

*Secretário Executivo do Departamento de Missão Mundial

EUROPAISCHE BIBELSCHULE AND SEMINAR PHH
POSTFACH 109
8201 SCHAFFHAUSEN
SWITZERLAND



O sangue
de Jesus Cristo,
seu Filho,
nos purifica
de todo o pecado.

—I João 1:7.